

Helena Bastos (org.)

COISAS VIVAS. FLUXOS QUE INFORMAM.

ISBN 978-65-88640-54-8
DOI 10.11606/9786588640548

São Paulo
ECA -USP
2021

Organização: Helena Bastos
Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges
Revisão de texto: Daniela Caielli
Capa: Maria Eduarda Borges

**Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

C679 Coisas vivas. Fluxos que informam [recurso eletrônico] / organização Helena Bastos. --
São Paulo : ECA-USP, 2021.
PDF (225 p.) – (PPGAC ECA USP 40 anos ; 4).

ISBN 978-65-88640-54-8
DOI:10.11606/9786588640548

1. Dança. 2. Dramaturgia. 3. Corpo. I. Bastos, Helena. II. Série.

CDD 23. ed. – 792.028

Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no *Coisas Vivas. Fluxos que informam*. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Helena Bastos que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo
Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan
Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Escola de Comunicações e Artes
Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli
Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro
Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443
Cidade Universitária CEP-05508-020

An abstract graphic featuring a thick red curve that starts from the bottom left and arcs towards the top right. Below this curve is a series of parallel grey lines that create a gradient effect, following the same curved path. The background is a light grey gradient.

APRESENTAÇÃO

COISAS VIVAS. FLUXOS QUE INFORMAM.

Helena Bastos (PPGAC da ECA/USP)

O poder não está mais no conhecimento preservado e passado adiante, por mais valioso que seja, e sim na metodologia: indicações visuais codificadas, o ato da transferência, substituindo signos por coisas. E então mais tarde, signos por signos. (GLEICK, 2013, p.43).

Apresento esta introdução com o escritor James Gleick pelo fato de estar sempre me perguntando sobre o processo de conhecer e sobre como este ato vai se disseminando. Penso que o conhecimento vai se dando na medida que vamos informando e quando uma determinada informação possibilita uma novidade no processo - como escrever uma palavra, uma ideia, vai nos implicando com o conhecimento. Este, nunca é solitário. Uma pista é que o conhecimento se torna aquilo que vai sendo feito, à medida que vai acontecendo. Uma outra pista é que não é da ordem do absoluto. Sob essas perspectivas, conhecer não se afasta dos jeitos de averiguar uma realidade que corre em fluxos de informações que vamos encontrando - pontuando que uma informação acontece quando cria uma novidade no ambiente. Leva-se em conta que, com a informação, se produz uma certa instabilidade, e é preciso re-arrumar o ambiente a partir do que essa novidade produziu. Por isso, elejo iniciar falando de conhecimento.

Esta escrita surge da criação de um e-book, o qual apresenta o LADCOR, Laboratório de Dramaturgia do Corpo, criado em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - PPGAC da ECA/USP. É uma edição que celebra os 40 anos deste programa. Reunimo-nos, 14 pessoas 'artistaspesquisadores', para demarcar este momento. Cada pessoa, ao seu modo, elege um discurso a partir de suas realidades e num jeito singular do como nossas investigações vêm nos aproximando e nos diferenciando. Nestes 16 anos, tenho sido a coordenadora, porém

o mais relevante, são as discussões críticas e os moveres que envolvem nossas pesquisas.

Nesse processo - de como se dá um conhecimento - evoco a semiótica peirceana, que se afasta de uma descrição de mundo como uma relação entre sujeitos de um lado e objetos de outro. O semioticista Charles Sanders Peirce (1839-1914) já nos oferecia uma arquitetura bastante complexa. A professora e pesquisadora Helena Katz nos evidencia “O mundo está lotado de objetos. Como sabemos deles? Pela maneira com que se apresentam a nós: enquanto signos. O signo representa o objeto e, para operar tal façanha, é determinado pelo objeto.” (KATZ, 2005, p.96).

Nessa direção, uma ideia de conhecimento só se completa quando esse processo entre signo e objeto atinge um interpretante: “pode ser um sujeito humano ou não. Na relação triádica entre signo-objeto-interpretante, as relações não esgotam os objetos que representam, e o lugar dos interpretantes pode ser ocupado por diversos tipos de sujeitos-interpretadores.” (KATZ, 2005, p.96). Nessas implicações, como o signo nunca esgota seu objeto, e ambos transitam no mesmo mundo, “sempre que o signo cresce, o objeto cresce também”.

Ao iniciar este texto falando de informação, precisamos pensar quando a informação nos chega, virando conhecimento, entendendo que este está sempre em processo. O conhecimento muda porque os caminhos aos seus objetos e os próprios objetos também se modificam. A cada descrição, é um novo objeto descrito. Os objetos não descansam no mundo, estáticos ou imperturbados, à espera de nossas decodificações. Estamos envolvidos num mesmo invólucro de semiose da vida. Coisas e sujeitos, ou objetos, signos e interpretantes, vivem em movimentos sutis, espiralados, apegados ao capricho do movimento. Tudo é um continuum, o qual nos envolve em um mesmo Cosmo em expansão.

O conhecimento tem a ver com futuro e, no caso das artes do corpo, elas podem ser lidas como um horizonte que mexe, arruma e desequilibra o corpo, para poder acontecer. Se tudo compõe um devir continuum, a própria ênfase do LADCOR se transformou. Em 2006, sublinhava-se a linguagem de dança. Posteriormente, foi surgindo a necessidade de expor outros caminhos de forma expandida para se pensar dramaturgia no modo como uma determinada ideia é mobilizada no e pelo corpo.

Coisas de *moveres* que informam.

Qualquer processo criativo sempre deflagra uma determinada crise com o mundo com o qual não apresenta uma relação causal unilateral. Um contamina o outro. Enquanto grupo de pesquisa, fomos compreendendo que uma das ênfases que nos aproximavam, estava nos estudos do corpo. Fomos expandindo uma ideia de dramaturgia que acontece pela ação do corpo, tendo como premissa que o corpo produz pensamento. No decorrer do meu pós-doutorado, fui me envolvendo com a ideia de *moveres* (BASTOS, 2017), que alinhava pensamento, compreendido como uma ação movida com um propósito. Inicialmente, nos aglutinávamos com propósitos em dança, mas fomos expandindo este ambiente no tempo e começamos a reconhecer que, aos poucos, o grupo se envolvia com princípios mais expandidos nas artes. Nesses trajetos, de modos distintos, fomos sublinhando a ideia do “artista do corpo”.

Na contemporaneidade, cada vez mais compreendemos que os processos de linguagens, seja dança, teatro, ou performance, expõem, entre si, contaminações. Isto é, se as coisas são do mundo, elas invadem nossos processos criativos com outras informações, gerando outras possibilidades de ação. A partir disso, fomos demarcando a ideia do “artista do corpo” cujos propósitos de criação explicitam ênfases que se dão pelo corpo – o último aqui compreendido enquanto um ambiente que o tempo todo troca informações por onde passa, habita, improvisa, aprende, esquece, inventa, descobre. Nesse contexto, há uma relevância, qualquer estratégia é negociada pelo corpo, virando corpo. Neste trajeto, fomos assumindo estudos focados nas Ciências Cognitivas por compreendermos que conceitos não são do domínio da matéria do intelecto, mas que estruturam o que percebemos e o modo como agimos. O filósofo norte-americano Mark Johson (1987) propõe a implicação entre corpo, movimento e cognição. Katz nos expõe:

Como a comunicação se baseia no sistema conceitual que usamos para pensar e agir, a linguagem verbal se torna uma fonte importante de evidência do funcionamento do sistema. Importante, porém não a única. Nosso sistema conceitual, que é encarnado e de raiz metafórica, ocupa um papel central, definido as realidades cotidianas. Não há nada que esteja em pensamento, em um pensamento que não tenha estado também em um sistema sensório-motor do corpo. Ou seja, quem dá início ao processo de

comunicação é o movimento. Por isso, também se torna indispensável saber como o corpo funciona. (KATZ, 2010, p.127).

Neste foco, a questão do ambiente também não pôde ser ignorada. Aos poucos, fomos compreendendo a relevância dos estudos do corpo para compreender que o tempo todo nos utilizamos de estratégias de aproximações para falar sobre determinados assuntos que trazem junto seus contextos. O tempo inteiro precisamos levar em conta os assuntos, seus contextos e como nos mobilizamos e nos afetamos com eles. Todas estas instâncias se dão de modo entrelaçado, coimplicado. Essas mediações são negociadas em várias instâncias no corpo, as quais perpassam níveis de descrição do físico, do biológico, do químico, do elétrico, do cerebral, do energético, do psicológico, do individual, do transpessoal, do coletivo, do social, do cultural.

Dos estudos voltados para as Ciências Cognitivas, o LADCOR foi-se aproximando da Teoria Corpomídia (2005), que vem sendo proposta da parceria das professoras Helena Katz e Christine Greiner. Estas pesquisadoras vêm sublinhando que, sendo os conceitos estruturas neurais que nos permitem categorizar e raciocinar, tais atividades deixam de ser somente mentais, e passam a ser entendidas como corporificadas. E as implicações epistemológicas dessa hipótese dizem respeito a entender que pensar, perceber e agir motoramente passam a estar profundamente ligados. “A razão passa a ser tratada na perspectiva do movimento, ou seja, corporificada” (KATZ, 2010, p.128).

Assim, o primeiro texto deste e-book é de Helena Katz. Esta escolha acontece pelo reconhecimento de que muitos estudos propostos nesta publicação sofrem contaminações da Teoria Corpomídia (2005). Como tudo que está no mundo, a contribuição de Katz e Greiner nos leva a entender o quanto a teoria caminhou e a necessidade de alguns ajustes também se impôs. Katz nos sublinha sobre a necessidade de um verbo que sinalize com mais precisão este processo de coimplicações entre corpo e ambiente no processo que se deflagra. Juntos, vão fazendo o corpo existir. Nas palavras de Katz “a ação que ocorre nesse encontro não é algo que acontece ao corpo, mas sim um tipo de ação que faz o corpo estar sempre se fazendo corpo (sem nunca ficar pronto), justamente porque é a troca de informação entre o corpo e o ambiente”. Desse modo, ela nos apresenta o verbo “corpar”, para

sustentar epistemologicamente o que vai fazendo o corpo existir. “O corpo está sempre se corpendo porque as informações viram corpo” (KATZ, 2021).

Laboratórios

Nesta seleção, organizamos os textos em três cadernos. O primeiro, mais focado em experiências que nos dão uma dimensão de como algumas pesquisas iniciadas no LADCOR foram prosseguindo, se desdobrando e tomando seus contornos distintos em relação aos outros. Nessas investigações, captamos como os pensamentos são experienciados no corpo e como seus desdobramentos vão implicando experimentos e pesquisa – sendo a linguagem mais evidenciada a dança.

O primeiro texto *coreoescrevendo*, de Laura Bruno, faz parte de uma pesquisa que se originou na interação entre coreografia e escrita e inclui sua trajetória artística, combinando fragmentos de dança e textos. Ao editá-lo, a autora descobre as possibilidades de estratégias que lidam com “apropriação”. Interroga-se na imbricação entre palavra e corpo. Laura nos mostra como seus diálogos formalizam e inventam escrituras de danças. Escrevendo dança, dançando escreve. Uma coreografia que aposta nas apropriações, desde que mencionadas suas fontes. Fala consigo mesma e nos provoca “Não se preocupe”. Portanto, este texto pode ser lido como outra coreografia.

A seguir, “Gestos Barreiras e Lab Trincheira: Relatos sobre criação em Dança em tempos Pandêmicos”, de Camila Venturelli e Ilana Elkis, que elegem o formato de relato-testemunho. São duas artistas da dança, atuantes na cidade de São Paulo, que compartilham seus processos: *Gestos Barreiras*, série de videodanças criadas pelo Laboratório de Manuseio Coreográfico, e *Lab. Trincheira*, laboratório de pesquisa artística realizados pelo Núcleo Artístico BOIA. A situação da síndrome mundial sanitária pela Covid19, desde 2020, se impõe neste processo, coimplicando e mobilizando os gestos dançados e seus *sítes* anunciados.

A artista da dança e pesquisadora Tatiana Washiya nos envolve com “Impactos da crise pandêmica e política no corpo e os desdobramentos virtuais de seu fazer cênico”, propondo uma reflexão acerca da perspectiva de uma artista das artes

corporais implicada com outras possibilidades de experiências através de plataformas virtuais. Nesse ambiente, a partir da interrogação “O quê das artes cênicas podemos levar para o Zoom?”, destaca questionamentos acerca do aparecimento e do desaparecimento do artista da cena no uso das tecnologias.

Finalizando este caderno, Thábata Liparotti propõe “Tecendo corpoambiente: bordados de vínculos com a natureza e a criação acadêmica-artística-pedagógica em dança”, inspirando-se na figura de uma cartógrafa, a qual vai nos apresentando materiais de diversas procedências. Entrelaçando seus fazeres artísticos e pedagógicos, nos convida com ações de costurar e bordar - gestos os quais permeiam sua história de vida, compreendendo-os enquanto estratégia cognitiva. Adentra em seus materiais tecendo fazeres manuais. O termo topofilia é alinhavado, nestes estudos, uma vez que suas vivências não renunciam a experimentar possibilidades de um corpo também ecológico. Nesse bordado, vai tecendo sua pesquisa de artista e professora. Caminhos e histórias.

Dramaturgias

O segundo caderno, sob perspectivas do corpo, nos leva ao enfrentamento de que não podemos ignorar a política em nossos atos, contaminados por discursos que elegemos num fazer em artes. Dependendo do espaço que ocupamos e da condição sob determinados privilégios ou não, precisamos pensar como vai se materializando uma determinada política pelo modo como corpamos realidades, sejam elas, pragmáticas ou inventadas.

Se concordamos que em gestos vamos definindo quem provisoriamente somos e estamos, todo pensamento artístico produz, em determinada medida, uma ideia de mundo. Compreendemos que toda ação artística carrega, em seus gestos, potências de existências. Há sempre muitas lutas no resistir e permanecer sob determinadas realidades. Nesse contorno, sob que condições determinadas estratégias de continuidades são incentivadas, assim como outras não? Nesse horizonte, somos levados a enfrentar o racismo.

O sociólogo Silvio Almeida nos alerta que “Pessoas racializadas são formadas por condições estruturais e institucionais. Nesse sentido, podemos dizer que é o racismo que cria a raça e os sujeitos racializados”. (ALMEIDA, 2021, p.64). Almeida nos provoca que os privilégios da consideração de homem branco não dependem do indivíduo socialmente assumir-se como branco. Ele nos alerta que o racismo institui todo um complexo imaginário social, que a todo momento é sublinhado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Recorda-nos sobre o fato de a grande maioria das telenovelas brasileiras exporem, sistematicamente, que os personagens empregados domésticos são as pessoas negras. Dessa maneira, vão naturalizando uma tendência enquanto verdade. O que se passa é que as pessoas negras sofreram séculos de apagamento de modo sistemático. “Apesar das generalizações e exageros, poder-se-ia dizer que a realidade confirmaria essas representações imaginárias da situação dos negros” (ALMEIDA, 2021, p.64). Nessa trajetória, o que nos é sublinhado não é a realidade, mas uma representação do imaginário social das pessoas negras. “A ideologia, portanto, não é uma representação das relações concretas, mas a representação da relação que temos com essas relações concretas”. (ALMEIDA, 2021, p.65 e 66).

Com o advento das pautas identitárias, o LADCOR foi percebendo a importância de assumirmos que vivemos um tempo em que a retratação é fundamental para sublinhar a importância das vidas negras e indígenas no processo de nossa história e redimensionar esta realidade. Como afirma a filósofa Djamila Ribeiro, “Os homens brancos são maioria nos espaços de poder. Esse não é um lugar natural, foi construído a partir de processos de escravidão” (RIBEIRO, 2009, p.34). Ela prossegue: “O debate aqui é sobre uma estrutura de poder que confere privilégio racial a determinado grupo, criando mecanismos que perpetuam desigualdades” (RIBEIRO, 2009, p.34).

Quando falamos de retratação, há que pensar na nossa condição enquanto privilegiados, que, conscientes ou não, reforçamos, durante muito tempo, estes processos de apagamentos. Percebo a política de cotas nas universidades como um gesto de reparação, o qual vem transformando a comunidade universitária. Professores universitários estão revendo seus aportes teóricos. Os estudantes das áreas de Artes e Humanidades, quando chegam à universidade, geralmente demonstram um

certo dissabor sobre a realidade universitária. Em geral, é uma universidade calcada por visões eurocêtricas. O desafio é a negociação de um modelo universitário que cabia antes, e que agora, pós sistemas de cotas, precisa repensar outras formas e condições que condizem com a realidade dos estudantes de baixa renda, por exemplo. Ainda há muitas vulnerabilidades nesse tipo de política. Quem nos garante que será assegurado este direito? E não basta, com ele surgem outras necessidades. Por exemplo, como possibilitar ao estudante continuar na universidade? A questão da permanência é uma luta imprescindível nesta proposta política.

Ao trazer este arrazoadado, desejamos apresentar os autores deste segundo caderno, que, de perspectivas diferentes, foram nos provocando sobre a ideia de política e sobre quais discursos críticos vão se aprontando. O espectro do racismo é bem nítido nos textos de Edicléia Plácido e Marcial Macome. Em outros três textos, a política é explicitada por determinados pesos que nossas escolhas produzem. Peso é uma dimensão de como uma escolha modifica o ambiente.

De uma outra perspectiva, Vanessa Macedo, Murilo Gaulês e Diego Marques nos conduzem à pergunta: toda arte é política? E os discursos de autonomia, como se encaixam, ou não? Entender os procedimentos da elaboração de realidades e partir de seus discursos políticos e da implicação de como tais discursos vão sendo corpados. Não é horizontalizar os discursos, mas entender como essas irradiações se dão, interferem, modificam.

O primeiro texto deste caderno é da coreógrafa e pesquisadora Vanessa Macedo, nomeado “Para ver nascer *Amor Mundi*”. A autora discute o trabalho artístico da Cia Fragmento de Dança, focando como seu processo de criação foi permeado pelas ideias de Hannah Arendt, para pensar o sentido de política na atualidade e as noções de responsabilidade e pertencimento, que podem ou não constituir nossa relação eu-mundo. Enquanto processo dramatúrgico de um agir, nos provoca: qual sentido os corpos constroem ao se moverem? Macedo nos comunica que a vida encarnada no gesto dançante sempre esteve entre seus maiores interesses, na pesquisa em artes. Sublinha que o processo de criação é, antes de tudo, um depoimento de si numa relação eu-mundo, em que uma experiência pode ser partilhada numa perspectiva política.

O segundo texto, “Representatividade em Revista”, é da pesquisadora e artista de dança Edicléia Plácido Soares, a partir de sua trajetória artística e de militância, a fim de realizar uma revisão/reflexão histórica enquanto mulher negra e ativista, sob a luz das novas discussões a respeito de representatividade. Seu texto vai nos envolvendo a partir de um auto depoimento, que nos retrata seu percurso com olhos atualizados pela história. Eram captadas justificativas simplistas ao questionar sobre a desigualdade social e a discriminação. O texto reforça-nos o quanto a figura do senhor e da senhora e seus negros de estimação foi sempre romantizada pelas produções no cinema, na música, na tv e na literatura. Sob este ponto de vista, ela é enfática: o Brasil é um sucesso de submissão colonial e racismo instituído.

O terceiro texto, “A cicatriz tatuada: a violência como forma de fazer política”, de Marcial Lourenço Macome, surge de sua experiência enquanto artista pesquisador que problematiza a naturalização da violência e do racismo cultural, estrutural. Desse viés, busca uma autocritica aos pactos políticos de intelectuais africanos que usam de seus conhecimentos acadêmicos e condições de privilégio social, legitimados pela academia, para contribuir na construção de estruturas de violência sistêmica. Convida-nos, a partir de Gomondzwane, um personagem da vida real, que, a partir de sua história, nos narra uma cartografia da violência. Vai nos explicitando que nem as independências, nem os projetos de abolição têm sentido se não formos capazes de encontrar *o Farmako* da violência enraizada no imaginário coletivo de humanidade. É taxativo: dentro de todos nós existe uma Europa violenta que se esconde.

Murilo Gaulês nos produz uma certa vertigem com “Coreografias do poder: vocabulários insurgentes de corpo e fala contra a coreomania colonial”. Uma escrita performativa, que vai nos envolvendo em um discurso que questiona estruturas de conhecimento mais fixadas. Interpela-nos sobre as relações entre arte, vida e ação política. A partir de observações de artistas, ativistas e pesquisadores da performance, o texto evoca nomenclaturas que são problematizadas a partir da fricção com o contexto colonial contemporâneo. Seu discurso vai nos envolvendo no questionamento de estruturas de poder e suas radicalidades, que podem ser compreendidas como terror ou terrorismo.

Fechando este caderno, apresentamos “O Teatro fora de si: A perda de autonomia da cena contemporânea nas travessias da teatralidade”, do pesquisador e

artista do corpo Diego Marques. Nos apresenta um ensaio para discutir as implicações da denominada perda de autonomia da arte para o teatro contemporâneo à luz das considerações feitas por teóricos da arte latino-americanos (AZEVEDO, 2018, CABALLERO, 2014; CANCLINI, 2012; ESCOBAR, 2004), em uma primeira aproximação com filósofos, em alguma medida fora do eixo estadunidense-centro europeu (BIDIMA, 2002; GIELEN, 2017; UNO, 2018). A partir disso, o texto articula os conceitos de Arte fora de si e Arte pós-autônoma, de modo a repensar aquilo que tem sido chamado de Teatro em campo expandido. Por fim, o texto propõe a noção de travessias de teatralidade como uma via possível para pensarmos de que maneira a perda de autonomia da cena contemporânea tem apontado, tanto para as estéticas do deslocamento, quanto para o deslocamento da estética, à exemplo das chamadas Errâncias Urbanas (JACQUES, 2012).

Corpos: Ensino/Aprendizagem

Neste caderno, a questão pedagógica é mais evidenciada. Dos apontamentos lançados, a proposta focaliza a pesquisa na poética, entendida como o corpo que se organiza com ênfase nas artes do corpo, não abdicando da voz falada, da palavra dançada, da escrita performática ou do corpo cantabile. Esses corpos recebem informações do mundo, informações estas que passam a ser corpadadas e que se modificam, com o mundo. Todo o tempo, as trocas são permanentes entre o interno e o externo e é isso que se chama de co-evolução sistêmica.

Se a Ciência se torna quase que otimizada pela busca da permanência, a Arte tem ampla atuação e valor, no sentido de trabalhar alternativas quanto às realidades possíveis. Se concordamos que estamos sempre em processo, numa escala mais expandida, o próprio viver nos leva a ir compreendendo como vamos corpando a partir de nossas escolhas.

Neste último caderno, fica a lembrança que o tempo todo estamos aprendendo, seja com nós mesmos, com o outro, com as ideias, com os limites e com as dúvidas. Particularmente, se os processos de aprendizagem não são fixos, as dúvidas são importantíssimas para que continuemos a inventar.

Os dois textos apresentados nos confirmam, de maneira diferente, que na relação entre ensino e aprendizagem estas dimensões são totalmente implicadas entre si. Abrimos este caderno com o texto da artista pesquisadora Carolina De Nadai, intitulado “Klein Technique™: um processo de ensino-aprendizagem que se dá pelo corpo”. Aborda a Klein Technique™, um sistema de educação do movimento em que a relação de ensino-aprendizagem se manifesta como algo indissociável. Como aluna, professora e pesquisadora da Klein Technique™, a autora identifica-se no pensar-fazer de Freire (2002), Spinoza (2016) e Deleuze (2006), criando relações potentes e comuns aos entendimentos de ensino-aprendizagem, ética e repetição, presentes na técnica. Estes autores dão suporte epistemológico para este texto. Já as questões mais específicas da própria técnica serão apresentadas a partir de textos produzidos pela criadora do método, Susan Klein, pelo artigo *Considering Klein Technique™: A core stability alternative for contemporary dance education* de Salvitti (2016), e a partir da própria experiência De Nadai com a *Klein Technique*.

Em seguida, “O Corpo ecrã movente: janelas de um corpo visivelmente monitorado”, de Norma Gabriel, procura relatar processo de aula e articular o que sentem e como se adaptam as/os docentes de estudos das artes do corpo, voz e atuação para jovens estudantes cantores de ópera, diante do desafio do ensino remoto. A autora propõe compreender essa nova relação do distanciamento social nas escolas, a sala de aula e a atuação do profissional das artes nestes tempos de crise de saúde sanitária, instaurada pela Covid-19. Neste discurso, dialoga com a ideia da lógica do software e nos atenta sobre “corpo apps/vida apps. Apps = *applications programs*. Estamos lidando com a vida e com o corpo como se eles fossem “programas aplicados.” (KATZ, 2015. p, 240).

Coisas Vivas

Ao organizar os textos em três cadernos, o pensamento foi sublinhar suas ênfases, expondo encontros em assimetrias, com materiais de diferentes procedências, que vão expondo maneiras de lidar com a realidade, implicando todos e tudo que dizem respeito ao processo e vice-versa. Desse modo, pensamentos vão

corpando coreoescrituras, danças, gestos, relatos-testemunhos, política, coreografias de poder, erratórios urbanos. Caminhos que vão pontuando certos solos, alguns chãos. Tudo o que der língua para os movimentos e criar sentido, é bem-vindo. São ensaios de travessias. Cada texto, exprime possibilidades de mundos. Como aceitar a vida e se entregar, de corpo e língua? Melhor inventá-los em função daquilo que pede o contexto. Gostar. Sentir. Roçar a língua na vida. Coisas que nos informam, mesmo que já não existam entre nós. Mas, persistem enquanto resíduos que transitam em hálitos: secos, úmidos, táteis e sonoros. Sussurros de coisas.

Referências:

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

GLEICK, James. **A informação: Uma história, uma teoria, uma enxurrada**. Tradução de Augusto Calil, 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GREINER, Christine. **O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações**. Christine Greiner/. São Paulo: Annablume, 2010. (Coleção Leituras do Corpo).

KATZ, Helena Tania. **Um, Dois, Três. A dança é pensamento do Corpo**. Belo horizonte: Helena Katz, 2005. 1ª ed.

RAINER, Yvonne. **Feelings are facts – a life**. Cambridge: The MIT Press, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual antirracista**. 1ªed - São Paulo. Companhia das Letras, 2019.